

## Itaú e Neo lançam primeira carteira mezanino do país

Por Angelo Pavini  
09/07/2007

O setor de fundos de participações, ou private equity, está em plena ebulição no Brasil, com várias carteiras novas e até a criação recente de fundos de fundos para aplicação de valores menores. Agora, o investidor que quer participar de empresas fechadas está ganhando uma nova opção: trata-se do fundo mezanino, uma variação do private equity que, como o nome diz, fica no meio do caminho entre uma ação e um papel de crédito privado. A primeira carteira desse tipo no país foi lançada no fim de junho, numa parceria entre o Banco Itaú e a gestora independente Neo Investimentos. Conhecida pela atuação em multimercados, a Neo faz, assim, sua estréia em fundos de longo prazo.

Os fundos mezanino são variações dos private equities que surgiram nos Estados Unidos na década de 1950 e hoje são comuns também no mercado europeu, atraindo investidores institucionais e pessoas físicas de alta renda, explica Luiz Chrysostomo, sócio da Neo e responsável pela carteira. O fundo empresta recursos para uma empresa executar determinado projeto - compra de concorrentes ou ampliação de capacidade - e, em troca, recebe um papel que dará o direito de participar do capital da companhia no futuro, semelhante a uma debênture conversível. "Você entra como se fosse uma dívida conversível longa, de oito anos e dois de carência, por exemplo, com custo baixo", afirma Chrysostomo. A conversibilidade pode estar em uma debênture ou em uma "subscription warrant" (ou bônus de conversão). O mecanismo é semelhante ao adotado pela BNDESPar, empresa de participações do BNDES.

O Fundo Capital Mezanino da Neo e do Itaú é um fundo de investimento em participações (FIP). Ele foi preparado ao longo de 2006 e, em pouco mais de 90 dias, fechou após captar R\$ 177 milhões. Além desse valor, os investidores poderão fazer aportes extras em projetos específicos que gostarem, os chamados "coinvestimentos".

A carteira tem taxa de administração de 2,5% ao ano mais performance de 20% do que exceder IPCA mais 8% ao ano. O prazo é de oito anos. A maior parte dos investidores, 65%, foi de pessoas físicas, incluindo clientes da Neo e do private bank do Itaú, além de family offices e empresários que se dispuseram a aplicar a partir de R\$ 1 milhão no fundo. O gestor é a Neo, o consultor é o Banco Itaú e administradora é a Intrag, também do Itaú. O fundo terá um comitê formado pelas duas instituições que aprovará todos os investimentos.

A empresa que procura um fundo mezanino não quer se endividar de forma cara e curta, mas também não quer um private equity participando da companhia agora, de imediato, explica Luiz Antonio França, diretor do Itaú. Segundo ele, o Itaú detectou a necessidade de uma alternativa de crédito longo para o grande número de empresas médias que atende, tanto na área de banco comercial quanto de investimentos, que fosse além das linhas do BNDES. "Muitas querem adquirir outras e não têm acesso aos mecanismos do mercado de capitais que as grandes têm, não podem emitir ações, debêntures são difíceis, e nem são exportadoras para usar o mercado internacional", explica.

O fundo quer financiar empresas com faturamento entre R\$ 35 milhões e R\$ 600 milhões. Não há limitações de setores, a não ser os não politicamente corretos, como armamento. "Seguiremos os Princípios do Equador", explica França. Ele estima que o fundo financiará de seis a oito projetos, com valores entre R\$ 10 milhões e R\$ 45 milhões. "Mas essas quantias podem até dobrar com o coinvestimento dos aplicadores", explica Chrysostomo. O fundamental é que o fundo não financiará reestruturação de dívidas. "Não somos hospital", diz Chrysostomo. Também não serão financiados projetos que saiam do zero, os chamados "startups".

Em troca do crédito, o empresário terá de se comprometer com uma série de medidas de governança, transparência e respeito aos acionistas minoritários. O fundo participará da formação do conselho de administração da empresa e ajudará na execução dos planos de crescimento. "Não vamos participar da gestão, mas traremos uma visão estratégica que a empresa não teria, preparando-a para vãos maiores, como ir a mercado no longo prazo", diz Chrysostomo. "O fundo cria sustentabilidade para a empresa crescer e ir tranquilamente para a bolsa no futuro", completa França.